

Bilhou aplainar?

# Correio das Artes

Ano I Número 21 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 14-8-1949



VINHETA DE LEONARDO LEAL

## Notas sobre Manoel Pedro

ALVARO DE CARVALHO

COM êsse nome, aparentemente sem significação, porque os nomes, entre nós supõe-se que decidam do destino dos indivíduos, foi levada à Câmara baixa do Império, aí pêlos anos de 1878 ou 1879, a figura mais impressionante que a Paraíba chegou a conhecer — o dr. Manuel Pedro Cardoso Vieira.

Nascido de pais conservadores, em 1848, tornou-se liberal e, como representante deste partido figurou naquela Casa de Parlamento, falecendo em 10 de janeiro de 1880.

Como acadêmico de Direito, revelou-se inteligência superior, orador elegante, de agressividade fora do comum, de par com um orgulho que tocava às rotas da empatia. Conhecedor das linguas francesa e inglesa, em que era muito versado, lia, abundante e desordenadamente, os autores mais notáveis de ambas as literaturas, e sua paixão por elas levava-o a corresponder-se com alguns amigos ou colegas nos idiomas, de sua preferência (1).

Possuía ótima retentiva e não voltava a reler os livros que lhe caíam em mãos.

Filho de gente abastada das bandas da Jacó-

ca, onde nasceu, seu pai passou a residir em Recife, no ano de 1863, afim de completar-lhe a educação. (2) Provavelmente, aí concluiu o curso de humanidades e sómente veio a perder o penúltimo ano do curso acadêmico em que dizem, foi suspenso por haver tratado a maioria da banca examinadora, com tal desprezo ou desdém, que deu lugar a não querer examiná-lo o dr. Francisco de Paula Batista, lente de Processualística e Hermeneutica Jurídica, naquela Faculdade. Foi êste o único examinador, membro da referida banca,

quem dera amostras de consideração e respeito e cuja capacidade, para examiná-lo, reconhecêra de público, em declaração formal, perante os demais professores, resignadamente humilhados.

O velho mestre quebrou-lhe, de surpresa, a empáfia descortês, suspendendo-o ou fazendo-o suspender por espaço de um ano.

Em seu notável livro sobre "Machado de Assis", conta Silvio Romero, falando do talento repentista de Tobias Barrêto que êste, às vezes "atrematava" as discussões

em que entrava ou a que assistia, resumindo o debate numa estrofe.

"Um caso dêstes foi numa república, em certo dia em que Fagundes Varela e Cardoso Vieira, talentoso estudante pardibano, que mais tarde foi distinto deputado geral, discreteavam sobre as vantagens ou defeitos do epicurismo. Tobias ouviu-os algum tempo, sem tomar parte na luta e saiu-se com esta: — "Vocês ambos estão de acôrdo porque para ambos a questão é de prazer. Aqui ou além, na terra ou no outro mundo a dúvida é só de lugar!"

"Se as crenças são um lengodo,  
Se falha o verbo da fé,  
Se o homem se acaba [tudo,  
Com a matéria que ele é,  
Se o coração nada aspira, [ra,  
Se esse bater é mentira,  
Se além não há desfrutar,  
Da vida a idéia suprema, [ma,  
O grande, o sábio problema, [ma,  
E' viver muito e gozar".

Essas interessantes observações do pensador sergipano mostram o valor dos contendores, suas tendências filosóficas, espiritualistas com o poeta

(CONTINUA NA PAGINA 14)

## Peregrinações Oníricas

II

JOÃO FELICIANO

**E**M VÃO TENTO CORRER ATRÁS DA INFANCIA  
TÃO CÉDO NO MEU CORPO SEPULTADA:  
TANTO MAIS CORRO QUANTO MAIS DISTANTES  
MEUS SONHOS IMPOSSÍVEIS VÃO FICANDO...

HOJE ME RESTA O TÉDIO DESTA MORTE  
PREMATURA, ENTRE GOSO E SOFRIMENTO.  
VIVENDO DE SAUDADE ESPERO, SEMPRE  
DEBALDE, UM NOVO ENCONTRO COM A INFÂNCIA.

NÃO MAIS OS SONHOS BONS EM QUE EU VOAVA  
QUAL PÁSSARO LIBERTO ESPAÇO A FORA,  
E, ANTES DE SOSSOBRAR DENTRO DO VÁCUO.

ME ACORDAVA FELIZ PORQUE CRESCIA...  
— ONDE ESTÃO MEUS BRINQUEDOS DE CRIANÇA?  
NUNCA MAIS OS TEREI EM MINHAS MÃOS!...

# Morreu Osório Paes

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

NUMA revista de Campina Grande, MANAÍRA, leio que Osório Paes faleceu em João Pessoa. Antes de morrer reduziu a cinzas o seu livro de versos, o segundo, que ia publicar. Se eu disser que era o prefaciador dessas cinzas, terei razão em lamentar a morte do poeta e não a queima do prefácio.

Osório Paes teria seus sessenta e três anos. Paraibano de Alagôa Grande, andou pelo Seminário, balcão de comércio e Faculdade de Odontologia na Bahia, onde saiu diplomado na arte respectiva.

Passsei minha meninice no sertão do Rio do Peixe. Nunca mais por lá andei. Não esqueço a cidade de Sousa, patriarcal e aristocrática, meu encanto infantil, céu do meu primeiro papagaio, pôco do primeiro mergulho, noite da primeira serenata.

Com os primos, andando de devagar, seguíamos uma serenata. Luar. Deante da casa do doutor Mariz detem-se todos. Os violões surdeiam, ge-

mendo os bordões sonoros. A voz sobe, limpa e clara, na noite doce, desenhando no ar tépido a modinha tranquila:

Deus fez do orvalho, lágrima das flôres,  
Fez das flôres, sorriso de crianças;  
Fez da mulher o balsamo das dôres,  
E o conforto das nossas esperanças...

Balance a cabeça, leitor, como mandava Machado de Assis. Foi a primeira modinha que ouvi na minha vida. Quarenta anos voaram e quarenta vezes as rodas de bronze do Tempo foram passando. Pelo meio mundo que andei e pelos livros que li fui deixando memória e pensamento. Mas a memória guardou, lembrança de perfume velho, frase musical de infância, o encanto incomparável dessa quadra sentimental. Era de Osório Paes.

Ficou sendo para mim, perpetuamente, um Poeta, um grande Poeta. Quando voltei da Europa encontrei uma carta sua. Vez por outra citava-o eu. Deu-lhe nos olhos uma dessas crônicas e vinha pedir um prefácio. Com que emoção o escrevi! Era uma homenagem ao poeta e à mim mesmo, ao menino de Sousa, à serenata, ao doutor Mariz que mandara para o Brejo das Freiras, primitivo e acolhedor, há quatro dezenas de anos. Publiquei-o aqui, na A REPUBLICA, de 5 de maio de 1948. Osório Paes escreveu agradecendo, louvando. Nunca me falou na dificuldade da publicação.

Agora, bruscamente, MANAÍRA, dá-me, a informação melancólica.

Deus fez crianças, flôres, infinito,  
E o mundo com a beleza que ele encerra;  
Mas Deus para o meu ver só fez bonito  
O réu formoso e azul da minha terra!

Foi para esse céu, escampo, azul e luminoso, que ele vôou...

## REVISTA EM 2 COLUNAS

EM CARTA que nos endereçou a respeito do CORREIO DAS ARTES, o sr. José Elmano Cavalcanti, de Campina Grande, sugere-nos "a organização de uma secção, cujos colaboradores sejam o público, isto é, de um certo modo os jovens estudantes de mentalidade em formação".

Não teria sido outro o nosso intuito, ao apresentarmos este suplemento, si não retratar, ao lado de nomes já firmados na literatura, os legítimos valores que por falta de um veículo de divulgação ao seu alcance, permaneciam no anonimato. Não. Muito pelo contrário. A idéia fundamental do lançamento deste caderno fora antes inspirada no desejo de estimular os que se inclinam às lides do pensamento, trazendo-os à lume e projetando-os ao conhecimento do público. E nesse plano figuram, está claro, também os estudantes.

Entretanto, convenhamos, este suplemento que pretendemos se torne um periódico representativo da cultura paraibana, perderia a sua finalidade, não procedêssemos à seleção

precisa dos trabalhos chegados às nossas mãos. As restrições que porventura fazemos, é elementar, são impostas pelo caráter da própria publicação, seja do seu conteúdo moral ou gramatical; mas nunca por simples questões de forma literária.

Admitamos, entretanto, que legítimos valores esparsos aqui e ali tenham receio de apresentar-se, acreditando que a nossa publicação está circunscrita às atividades de um grupo. No caso, afigurara-se-nos necessário o esclarecimento acima exposto e, com ele, o devido acatamento e respeito que temos pela sugestão que nos oferece o sr. José Elmano Cavalcanti.

Fica aberta, neste suplemento, uma nova secção, com o título "Revista em 2 Colunas" para a qual podem endereçar os seus trabalhos os que se acham à altura de corresponder-nos.

A fim de afastar qualquer receio, declaramos, em tempo, que o nome dos autores dos trabalhos julgados inaproveitáveis, será conservado em sigilo.

Não devolvemos os originais.

## A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

## CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS



# Um Livro de Fé e Sabedoria

JUAREZ BATISTA

**H**Á muito estou convencido de que os homens do nosso século descambam para a loucura, na ânsia mesquinha de tornarem infinitos e todo-poderosos por obra e graça dos seus defeitos mais inconfessáveis, na pretensão tôla e vã de fazerem argumento supremo em favor de sua frágil e melancólica grandeza de polichinelo, de suas próprias e extraordinárias misérias.

Nada disso, entretanto, tem para mim ares de novidade, sabôr amargo de desilusão. Compreendo que todo homem se acostuma, facilmente, com as coisas do mundo, inclusive com as coisas boas. E sei que daí tanto pode nascer um cético como um exaltado convicto, dependendo, às vezes, de um quasi nada, de uma sutileza que se perde nos dias da infância ou da adolescência remotas. Mas, veio me puxar para esses sobressaltos o livro do Cônego dr. Florentino Barbosa (1), a propósito da família e dos seus problemas mais urgentes e atuais, que recebo com uma dedicatória de quem tem mais confiança na minha inocuidade do que seria de esperar que eu propriamente tivesse. E o livro do amigo formado pela Gregoriana de Roma, cáe-me nas mãos exatamente quando o mundo parece mais disposto do que nunca a não tomar conhecimento dos últimos valores humanos para que ainda se podia apelar nesta fase dolorosa de conflitos e apreensões: decência e dignidade humana. O livro do amigo sincero, do homem bom e confiante nos outros homens, dir-se-ia que veio transtornar a minha pobre paz de cético, dar esperança a quem já havia desistido de compreender e remediar esse desvairo

cósmico que se apodera do homem e sacode a humanidade nos tropeços das paixões incontidas, nas ameaças de uma guerra, no falso remanso de uma paz que só é descanso reparador para os "inocentes do Leblen", que, graças ao bom Deus, não têm olhos para vêr a derrocada inevitá-

vel que não tarda. E, nesse ponto, como em tantos outros, as páginas escritas com vigor e talento pelo meu mestre Cônego Florentino Barbosa, vale por um brado de alerta. O estudo cuidadoso e honesto que faz da família como unidade social, a exegese histórica e sociológica a que o au-

## ODON BEZERRA



**O** passamento de Odon Bezerra, ante-ontem, não subtraiu à Paraíba tão somente o homem público, que se definira como um dos representantes da atual geração, pela sua cultura, sua linha de conduta e pelo seu talento. Veio arrancar, também, do nosso meio, um dos valores que, na arte como na política e nos negócios, esplendia por um timbre de elegância e dedicação.

Não obstante asoherbado por uma série de compromissos e responsabilidades, que correspondia à altura dos seus méritos profissionais, sem adiamentos nem deslises, encontrava tempo para dedicar-se às coisas do espírito. E assim, na quietude de lar improvisara um estúdio ao lado do seu gabinete de trabalho, onde no silêncio noturno se dedicava à pintura, enriquecendo, nessa espécie de "hobby" tão característica ao seu índice de cultura, o acervo artístico dos nossos tempos.

Aqui a nossa homenagem.

A foto que ilustra esta nota é a reprodução de um quadro de sua autoria, representando um trecho da praia de Pitimbu.

tor submete o tema, nos conduz, com a certeza das verdades evidentes, à conclusão lógica de que o problema da família está a merecer as atenções, não apenas dos estudiosos, mas de cada um de nós, que temos obrigações a que não devemos nem podemos fugir, e que vivemos dias da maior gravidade para nós mesmos.

Em alguns pontos e conclusões, confesso, falta vênia, não concordar com as soluções oferecidas pelo mestre. Trata-se, porém, de uma questão de pontos de vista, de princípios outros que, fundamentalmente em nada me impedem — nem a mim nem a nenhum homem de boa vontade que leia as páginas vigorosas e cheias de atualidade do livro do Cônego Florentino — de apreciar-lhe o conteúdo de sabedoria, de cultura filosófica e sociológica que estão a saltar diante mesmo do mais desavisado observador.

O livro do Cônego Florentino Barbosa é também um livro de fé, o que me deixou ainda mais à-vontade, pois sou dos que pensam que é preciso crêr em alguma coisa, aceitar honestamente um ponto de vista, para que se possa fazer algo com entusiasmo, com força e decisão, mesmo me sujeitando à crítica decidente dos que acreditam que a verdade nem sempre é tão verdade quanto nos parece, particularmente quando arguimos em termos de fé. Não acredito que a humanidade possa voltar aos seus primórdios, mesmo nos meus acessos mais agudos de ceticismo. E justamente por isso é que me pareceu extraordinário este livro de fé e sabedoria surgindo numa época de desesperos e espectativas.

(1) "A Família, sua origem e evolução" — Ed. VOZES Ltda. — 1948 — Petropolis.

# "Na Espadana Branca"

"A BEM AMADA  
QUITERIA"

Recebemos o livro de poesias de Lycio Neves: A BEM AMADA QUITERIA, editada pelo JORNAL DE CARUARU, Pernambuco.

É o segundo livro do autor e evidencia mais uma vez as suas qualidades de artista do verso, não só pela musicalidade de seus poemas, como também pela modernidade das ideias e inspiração.

Lycio Neves, com o lançamento desse seu segundo volume de versos, integra-se nesse movimento de libertação das províncias, onde os valores vão se firmando dia a dia no cenário literário nacional.

"HEBE"

ESTE é o título do romance de Pedro Guedes Alcoforado, que acaba de ser editado e que vem merecendo a simpatia dos meios literários do país.

"NORDESTE"

Já anda nas bancas de jornais e livrarias mais um número de NORDESTE, a vitoriosa revista literária pernambucana dirigida pelos escritores Aderbal Jurema e Esmeragado Marroquim.

O presente número apresenta como sempre, vasta e escolhida colaboração de representantes da nova e velha gerações literárias, além de interessante noticiário e serviço de cliquerie.

OBRAS COMPLETAS DE  
MARQUES REBEIRO

A Editora Cruzeiro acaba de reeditar com bastante exito tres livros do grande romancista brasileiro Marques Rebelo: OSCARINA, MARAFA e A ESTRELA SOBE.

Marques Rebelo é considerado pela critica como um dos expoentes maximos da litera-

"O PERNAMBUCANO  
JOAQUIM NABUCO"

Associando-se ás comemorações do primeiro centenário de nascimento de Joaquim Nabuco, a Academia Paraibana de Letras teve a iniciativa de convidar o jornalista e escritor pernambucano Anibal Fernandes, diretor do "Diário de Pernambuco", para realizar uma conferência, em sua séde, nesta capital.

O escritor Anibal Fernandes discorrerá sobre o tema: "O pernambucano Joaquim Nabuco" e será saudado pelo academico Higino da Costa Brito.

A conferencia realizar-se-á no proximo dia 19, ás 20 horas.

tura nacional contemporânea, não só como um autêntico criador de tipos, mas pela clareza e sobriedade de estilo.

Trata-se de um romancista cuja inspiração se volta para os aspectos cotidianos da vida parica, para esses dramas desenrolados nos suburbios e que tanto preocuparam Machado de Assis.

Reeditando as obras de Marques Rebelo, A Editora Cruzeiro S. A. dá aos leitores mais uma oportunidade de conhecer um dos nossos melhores ficcionistas da atualidade.

JORGE AMADO NA  
FRANÇA

SEARA VERMELHA, do escritor patricio Jorge Amado, vem sendo publicada em Paris, por LETTRAS FRANÇAISES, com ilustrações do desenhista brasileiro Carlos Schiar, sob o título LES CHEMINS DE LA FAIM.

FURTO DE TELAS

DOIS quadros de grande valor foram recentemente furtados no Museu de Albiotário, rata 175, Natal. R. G. do Norte.

de Lisboa: um de Toulouse Lautrec e outro de Albert Marquet. O primeiro representa uma mulher de perfil e o segundo é uma vista do porto de Rouen.

PERGUNTA INGÊNUA

UMA jovem perguntou a Racine de onde havia extraído o assunto de ATALA

— Do Velho Testamento — explicou o grande francês.

E a moça, ingênua: — E por que escolheu o Velho, quando já existe o Novo.

BANDO N.º 7

MAIS um número da revista Bando, do Rio Grande do Norte, acaba de sair á luz da publicidade. Trata-se do número 7. BANDO, que obedece á direção dos escritores Raimundo Nonato, M. Rodrigues de Melo, João Alves de Melo, Luiz Patriota, Verissimo de Melo e Hélio Galvão vai melhorando dia a dia. Nas suas páginas estão trabalhos de Camara Cascudo, Nilo Pereira, Artur Ramos, bem como de novos valores de Natal.

ENDERECO — R. Dr. Baptista, rata 175, Natal. R. G. do Norte.

"ORFEU"

ORFEU, a vitoriosa revista dirigida pelos poetas Fred Pinheiro e Fernando Ferreira de Loanda, acaba de sair, em seu número 7.

Firme na sua orientação apresentando como sempre escolhidas colaborações dos novos valores da nossa literatura, ORFEU não negligencia uma só edição, quer no sua parte técnica, quer na sua parte cultural.

Colaboram neste número Darcy Damasceno, Ledo Ivo, Fernando Ferreira de Loanda, Bernardo Gersen, Fred. Pinheiro, Wilson de Figueiredo, Afonso Felix de Souza, Francisco Iglesias, Duarte Neto, Colombo de Souza e Domingos Felix.

Endereço: R. Costa Rica 196. — Penha-Distrito Federal.

"REGIAO"

DEPOIS de algum tempo de ausencia, volta a circular, no seu n.º 11, a revista REGIAO, uma das publicações que se recomendam, tanto pela boa apresentação grafica, como pela selecionada colaboração.

REGIAO continua se impondo no cenário literario do país integrando-se com exito nesse entusiástico movimento de libertação intelectual das províncias.

O número 11, que temos em mãos, é uma prova evidente do esforço dos novos escritores pernambucanos nessa significativa revisão de valores, que se vem observando atualmente nas letras do país por parte da nova geração.

Nesta idade, REGIAO está sendo exposta em varias bancas de jornal.

Endereço: Av. Behrman 2596. Recife-Pernambuco.



# A MULHER DA JANELA GRIS

CONTO DE SALIM MIGUEL

A MULHER lá estava, como sempre, pensativa e esperando; não se oferecia nem se negava.

Deixou-se ficar parado, a observá-la, de longe, querendo se chegar, dizer alguma coisa, sair daquele fascínio, daquela adoração muda, sorrir. Não pôde. Algo inexplicável o prendia, lhe tolhia a voz. Esforçava-se porém tudo inutil.

... A mulher parecia não o ver. Sempre longe e pensativa. Outras vezes ele julgava que não. "Ela me espera" — se dizia a meia voz, saboreando as palavras. Devo falar-lhe...

Timidez não, não era bem isso. Mas assim como uma incapacidade total de locomover-se; petrificara-se ali. Sentia-o, era uma força que o atraía e repelia. Um

equilíbrio, uma estabilidade que era a mediocridade do nada fazer, do ficar no que era, em si. O medo do novo, do não conhecido. A mulher era a incógnita, o desconhecido que ele temia e desejava.

... A mulher sempre a espera, olhando-o ou não.

Ele ficou-se ali, sob o sol, sob a chuva, e o frio, numa indiferença apática, completamente vazio de idéias e de vida. Não via as pessoas — vultos sombrios e rápidos — que passavam e repassavam apressados, na rua calma, todos ávidos de viver. Nem via o céu cada vez mais plúmbeo, pejado de nuvens. Nem a fuga veloz dos últimos pássaros ou o trem das folhas nas árvores. O sol queimava. Depois as gotas de chu-

va despençavam, caíam pesadas, levantavam a poeira dos caminhos. Ele não via nada, não aspirava o cheiro úmido, indefinido e bom de terra, de vida, que se exalava do chão.

Olhava a mulher e seus sentidos estavam presos nela, ansiando mas com medo de chegar-se.

Se pôs, de repente, a andar, numa revolta de todo o seu ser, numa reação contra a moleza que lhe tolhia os passos, que lhe amarrava os membros ao chão. Não sabia se se dirigia à mulher ou não. Reação contra que? se perguntou. Seus pés chapinhavam na lama, pisavam nas poças d'água, enquanto a cabeça queria ir além das nuvens e desvendar a vida.

Queria revoltar-se con-

tra o domínio da mulher da janela gris, ir-se. Ou então penetrar a janela e descobrir o segredo da vida, dominar a mulher. Queria mostrar sua virilidade, não ceder a esse sentimento de entrega quase feminino que o dominava, pois a verdade é que gostaria de chegar-se à mulher, deixar-se dominar, sentir-se protegido, confiante e forte. Sabia que dela poderia haurir forças, viver. Não ser um marginal. Mas sabia também que em troca da vida daria parte de sua personalidade, de seu eu, que ele é que dos dois, era o mais fraco. E isso o torturava. Por isso resistia. Verdade é que numa resistência passiva, muda de quem quer e não quer. Sentia-se ridículo, tolo, por agir assim, parecendo ser a parte feminina. A força da mulher, ele o sabia, sobrepujava a dele, não era somente uma atração física, porém mais mental, e complexa, cheia de nuances dúbias.

Mas não andou muito. Parou. Pôs-se a girar de um lado pro outro. Maquinaalmente. Sempre próximo à mulher. Não pensava. Turbilhonavam-lhe na mente mil farrapos de idéias. Estava num desses estados de espírito em que não pensamos. Deixamos que as coisas sejam. A espera. Os pensamentos se vão, nos deixam, andam adiante de nós ou se atraem, nós os perdemos de vista. Voltam. Não completamos idéia alguma, tudo é inconsistente, sutil e diáfano. Os pensamentos ficam longe, numa timidez mórbida de se chegarem, tomarem conta da casa, receios de não sabermos que fantasmas. Outros, então, rápidos a invadem, se



DESENHO DE SANTA ROSA

alojam como donos, se apressam de tudo.

Mas por pouco tempo. Fogem logo, sem que nós os percebamos por completo. Que nos teriam querido dizer? São fragmentos de idéias, pensamentos doidos. Como descrevê-los, interpretá-los? Caímos sempre no mesmo semi-círculo, voltamos sempre ao ponto de partida, repetimos sempre ao ponto de partida, repetimos sempre as mesmas palavras vãs e sem significado maior. Angústia de não nos entendermos. De não sabermos o que queremos. De temermos a vida e suas surpresas. É esta a causa primordial da nossa indecisão e dúvida.

Agora, por exemplo: que fazia ele ainda ali? Que dizia à mulher da janela gris? Não compreendia a força que o atraía para ela, não a explicava.

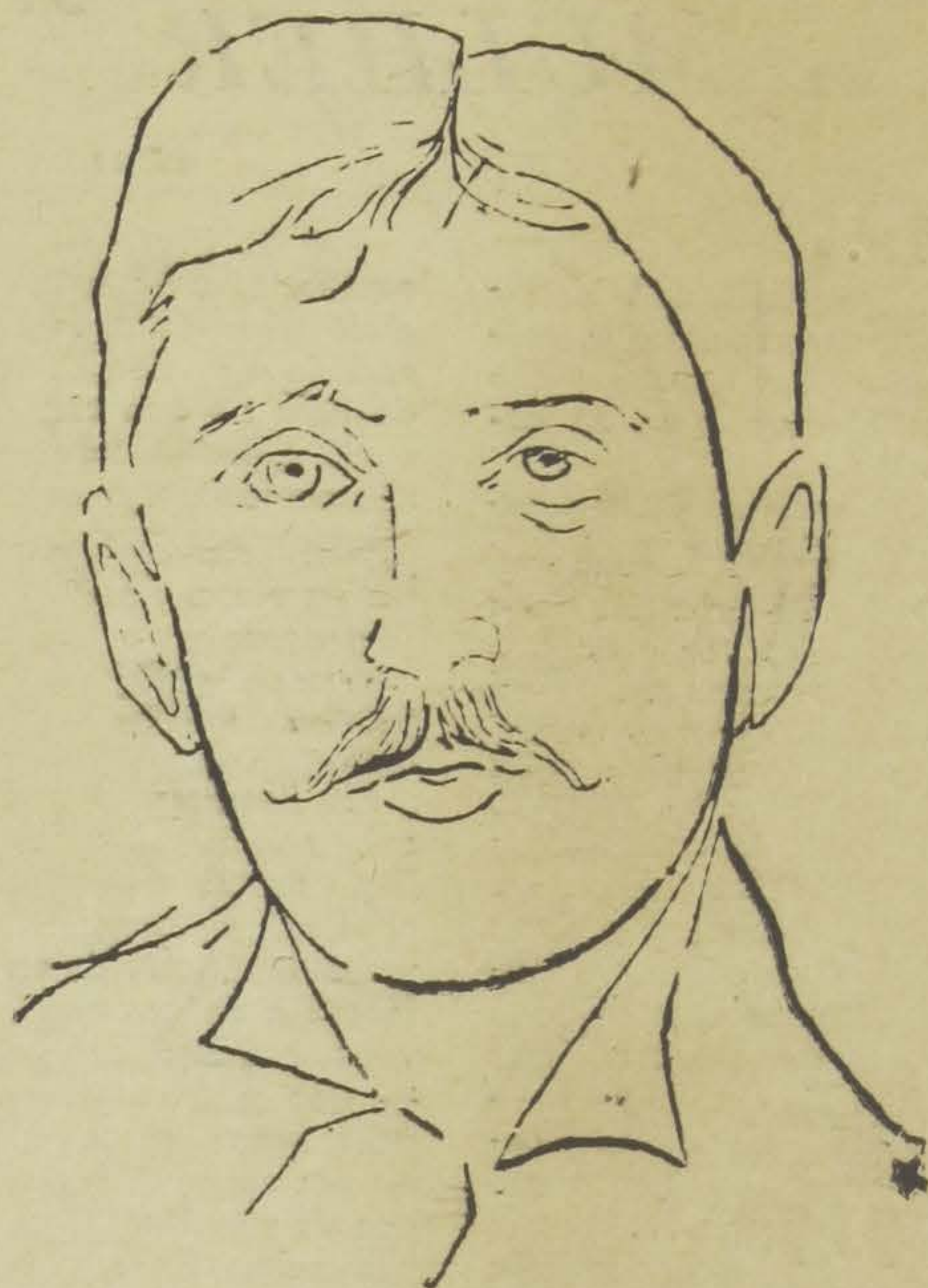
va. Sabia isto sim! Não era bem uma coisa sexual. Porém algo mais complexo, confuso. Não formava um pensamento completo a respeito.

Afastou-se quase correndo, mas desejando voltar, se chegar, penetrar a intimidade da mulher. Sabia, tinha certeza mesmo, que voltaria, se postaria ali, a olhar e olhar, entorpecido, absorto, desejoso de se chegar mas intimidado, a espera de não saber o que, até que algo inesperado e que ele não conseguia ainda nem imaginar o que pudesse vir a se, sucedesse.

Temia e desejava que tal momento chegasse.

Nem sonhava que a mulher da janela gris era a vida. Ficou ali a girar, a girar. Com medo de chegar-se, de tomar a vida nas mãos e possuí-la, desvendá-la.

Junho de 1949.



Proust, visto por Aldemir Martins

# SALAMBO

**D**ESTE GRANDE livro não há mais nada de novo por dizer no intuito de realçar seus méritos. Basta assinalar que aparece através dos prelos das "Edições Melhoramentos" mais uma vitoriosa edição, muito bem cuidada e artisticamente preparada.

Quanto ao livro em si, falam por ele os milhões de leitores de quasi tôdas as línguas vivas que encontraram naquelas páginas um punhado de primazias intelectuais ainda não superadas. Realmente, jámais houve, antes ou depois da aventura de Flaubert nos areais do norte-africano, uma reconstituição tão honesta, trabalhosa e perfeita de uma civilização, desaparecida. Jámais um outro grande romance se tornou de forma tão completa, uma obra que se possa ofertar com igual proveito para os leitores que não fazem concessões ao gosto fácil e àqueles que dirigem suas preferências para as obras coloridas do gênero chamado "grandes vendas". "Salambo" é tudo isso. Um crescendo de emoções que cascadeiam improvisamente, página por página, alteando-se em cada episódio, que se sucedem como num caleidoscópio de facetas espirituais, que fazem de cada capítulo uma culminância de sensações.

Flaubert não teve pressa ao escrever seu romance. Pesou-o, mediu-o, graduou-o, limou-o anos opós anos. Ao concluí-lo havia dado á literatura universal uma obra unânimemente considerada como entre as dez melhores. Amilcar, Salambo, Gisscon, Hanon, Spendius, Matô, Narr-Havas e aquelas confusas multidões que se arrastam, gemem, lutam e morrem nos escaldantes areais, hão de acompanhar por muito tempo a todos os leitores, mesmo aqueles que já havendo lido voltarão a buscar nessas páginas inspiradas e imorredouras, as belezas de estilo e de forma que guindaram á imor-

talidade o autor e sua obra.

A presente edição foi traduzida diretamente das mais autorizadas edições francesas, por Aloysio Ferraz Pereira. As ilustrações, originalíssimas e que muito bem fizeram honra ao livro, são de L. Specker.

Em todas as boas livrarias ou pelo Serviço de Reembolso Postal nas "Edições Melhoramentos", Caixa Postal, 120 B — São Paulo.

## CONSAGRAÇÃO

(A MINHA ESPOSA)

ILDEFONSO BEZERRA

EU NASCI... TU NASCESTE... UM BÉLO DIA  
NOS ENCONTRAMOS E NOS ENTENDEMOS.  
E ASSIM, QUAL ATREVIDAS NÁOS SEM REMOS,  
ENFRENTAMOS DO MUNDO A TRAVESSIA.

Á LUZ DO TEU OLHAR, QUE INDA IRRADIA  
AMOR, LOGO EU SENTÍ OS BENS SUPREMOS  
QUE ME FALTAVAM. TU, COM TEUS EXTREMOS  
DE CARINHO, TROUXESTE-ME ALEGRIA.

DEMONSTRASTE-ME, ENTÃO, BONDADE IMENSA,  
E AS VENTURAS (DAS QUAIS É GRANDE A SOMA)  
DO MEU AFÉTO COMO RECOMPENSA.

POR TUDO ISTO, A SORRIR, HOJE RELATO:  
— FIZ DO MEU CORAÇÃO UMA REDOMA  
E NELA COLOQUEI O TEU RETRATO.

# AVENTURA DAS TINTAS

DE MODISTA E CHAPELEIRA AO POSTO DE PINTORA N.º 1 DO BRASIL. — HISTÓRIA ROMANESCA DE DJANIRA. — DESCOBERTA POR UM GRANDE PINTOR EUROPEU, NUMA PENSÃO DO RIO. — ONDE A ARTE SUPERA A POBRESA, O TALENTO AS VISSISSITUDES DA VIDA. — SUCESSO ABSOLUTO DA PINTORA PATRÍCIA NOS EE. UU.

GASPARINO DAMATA

**D**JANIRA — indiscutivelmente uma das vocações mais fortes da nossa pintura nativa — está nas páginas do célebre "WHO'S WHO" na América Latina, graças ao seu talento excepcional, e que se desenvolveu de uma maneira estranha, em situações quase dramáticas. Ter o nome incluído na interessante publicação americana — espécie de agenda das celebridades de um país, significa a consagração absoluta, definitiva. E, quem conhece a história de "Who's Who", não poderá afirmar o contrário.

Ora, acontece que sobre Djanira, eu ouvira contar coisas fabulosas, que a tornaram aos meus olhos de reporter curioso, uma figura quasi lendária. Essa criaturinha irrequieta, vivaz, cujo mundo ingênuo se reflete nas suas telas bonitas, artísticas, era uma das minhas namoradas... Isto é, tinha prometido a mim mesmo que não descansaria enquanto não a entrevistasse; por isso, pús mãos à obra e traí de me aproximar da pintora — que já conhecia através de sua arte, quer na fase primitiva, quer na posterior, após seu regresso aos EE. UU., onde jurou bastante, artisticamente. Havia também trocado com ela umas poucas palavras no "Vermelhinho", depois das cinco, quando artistas e intelectuais ali se reúnem, para o bate-papo costumeiro.

A aproximação não foi

difícil, primeiro porque já estivemos nos EE. UU. em situação e lugares idênticos, embora atuando em tempos diferentes. Depois, porque ela é uma criatura muito comunicativa, de personalidade marcante, que chama a atenção de qualquer indivíduo sensível, fascinando-o. Quem trocar duas palavras com Djanira descobrirá, ou melhor, sentir-se-á imediatamente envolvido pela atmosfera pura dessa seu mundo, pictórico — remanescência de uma infância perdida, que não podemos mais reaver, senão através da Arte. Ponham-se em contacto com essa mu-

lherzinha privilegiada, talentosa, dinâmica, que vocês sentirão milagrosamente penetrar num mundo mágico, misto de sortilégio e sonho de nossa meninice perdida!...

## Esclarecimentos

— Comecei desenhando vestidos, pois era modista. Trabalhava em casa, para um grande atelier de modas, cuja dona era uma francesa muito inteligente. Fazia meus desenhos e deixava-os espalhados pela mesa... Certo dia, recebi a visita da senhora francesa e sabe o que aconteceu? Ela olhou meus desenhos e disse "A senhora

é uma artista, sabe? Ora, não a levei a sério — diz Djanira com trejeito engraçado, sorrindo. Pois bem, ela continuou insistindo, examinando meus desenhos com desusado interesse. Mas, como nunca pensei em pintura, não a levei a sério. Continuei porém costurando, cortando os modelos dos vestidos que eu mesma desenhava...

Djanira para de falar, pede uma licençazinha e entrega algo a um pintor conhecido. Estamos entusiasmados com a sua história — que tem, indiscutivelmente algo de romanesco.

— Mais, como ia lhe dizendo, eu costurava vestidos, trabalhava como uma maluca para sustentar a casa. Meu marido, como vocês sabem, era marítimo e vivia fora, mandava a mesada que só me chegava às mãos com um atraso medonho. Um dia resolvi pôr uma pensão, aproveitar o casarão enorme, os quartos vazios, criando telas de aranha. Consegui móveis, limpei tudo e pús uma pensão. Do dinheiro dos hóspedes tirava uma pequena parte, que servia para pagar a mensalidade de um curso que iniciiei na Escola de Belas Artes. Estava tomando gosto pelo desenho! Mas, quando meu marido chegou — céus! Ficou furo com a ideia da pensão e, cortou minha mesada — diz Djanira sorrindo. Não era somente a pensão que o chateava. Eram os meus desenhos também! Ora, dentro de pouco tempo eu tomara um gosto tal

## ELA

OTONIEL MENEZES

**N**A ÚNICA OPORTUNIDADE DA SUPREMA AVENTURA, FICARAM PERDIDAS, COMO AS NUENS DA CLARA MANHÃ SOBRE OS OMBROS DOS MONTES, AS MEIGAS PALAVRAS QUE EU ESTIVE PARA LHE DIZER, AS PALAVRAS MACIAS E PERFUMADAS COMO FLORES, AS PALAVRAS DE CÔR (PORQUE ELA ERA UMA GRANDE CRIANÇA PENSATIVA), AS PALAVRAS MÚSICAIS (ELA ERA ESPIRITUAL E ESBELTA, COMO UM LÍRIO QUE ANDASSE).

AS PALAVRAS DE MEL ERAM UM VINHO DOURADO DE UVAS TRANSLÚCIDAS, PARA ENCHER A CAMPANULA DO SEU CORAÇÃO SEQUIOSO, CORRER NAS SUAS VEIAS AZÚES SOB A PELE DE JAMBO, FEITO UM RIO DE FLAMAS...

DAR-ME-LA, SORRINDO, UM BEIJO DE PÉTALAS NA FACE TEMIDO E CASTO COMO A ESTRELA DA TARDE A CHORAR SOBRE O LAGO.

E HAVIA DE NASCER SOB CÂNTICOS DOS ANJOS NAS ALTURAS

O AMOR EM VÃO SONHADO E QUE UM POETA NÃO TEVE JAMAIS.

PORÉM AS PALAVRAS FICARAM PARA SEMPRE PERDIDAS, E ANDAM AGORA A PROCURAR EM TRISTE AFAGO, NA DISPERSÃO DAS HORAS DO IMPOSSÍVEL DE CUTRAS CRIATURAS.

A ALMA DESSA QUE A GENTE ENCONTRA UMA ÚNICA VEZ NA VIDA...

pela coisa, que virára a cabeça — acrescenta a pintora. Só pensava nos meus desenhos, dia e noite. Não ligava mais nada!

### Nasce uma pintora

— Mas Djanira, não disseram que vorê era uma pobre viúva, que moquejava pelo pão de cada dia, e que um pintor chato que morava no andar superior derramava tinta, sujava tudo no seu apartamento. Que foi êle quem lhe descobriu?

A pintora põe a mão nos quadris, espanta-se com a versão um tanto e quanto hollywoodesca do descobrimento de seus pendores artísticos e achando graça na sua própria aventura, continua sua interessante narrativa:

— Qual nada, meu senhor! Que pintor chato nenhum! O que aconteceu foi o seguinte: um dia, apareceu-me na pensão a tal senhora francesa acompanhada de um pintor europeu recém-chegado ao Brasil. Queria que o homenzinho visse meus desenhos, imagine! Pois bem, êle olhou, olhou... e ficou tão espantado com meus trabalhos que me causou espanto também! Ele e a senhora francesa afirmavam que eu era uma artista! Enquanto isso, eu continuava ali embasbacada, sem saber o que dizer — afirma-nos Djanira com aquêlê seu modo engraçado de contar as coisas.

— Quem era o tal pintor europeu?

— Marcier — diz-nos Djanira.

Estava desvendada a lenda que corria em torno da pintora patriciã. Djanira não fôra descoberta por nenhum pintor chato, medíocre, e sim pelo grande Marcier, que viu nela talento e sensibilidade das mais apuradas. Uma primitiva de valor, perdida numa pensão, costurando para

fers, e lavando pratos nas horas vagas!

— Bem, como mulher é bicho danado... Sabe o que aconteceu? Convidei o tal pintor para vir morar lá em casa. Tinha um quarto para êle que era melhor e mais barato do que o que êle ocupava no momento. Em troca, êle me daria aulas de desenho. Resultado: fiz progressos tão grandes que concorrendo ao Salão de 1942 consegui entrar... No ano seguinte, consegui uma Menção Honrosa: que tal? Minha paixão pela pintura, nessa época atingira ao auge. Não pensava noutra coisa, a não ser em pintar!

### Pintora — aventureira

Vocês leitores jámais poderão imaginar a simplicidade como essa criatura notável e talentosa nos conta a sua admissão pictórica. Vejamos o que aconteceu dentro de tão pouco tempo:

— Concorri ao Salão de 1944 e arrastei a Medalha de Bronze; isso não com desenhos. Pintura a óleo, no duro! E, em 1945, não tive dúvidas: arrumei as malas, tomei um navio e embarquei sózinha, para os EE. UU. Ia à convite de seu ninguém. Saí com a roupa de couro, um bocado de telas que eu considerava boas e sem falar uma palavra de inglês — diz-nos Djanira com um ar sério; uma seriedade quasi infantil, ingênua.

— Pois bem: tomei um quarto numa casa de cômodos e no dia seguinte fui vê o diretor do "New School" um dos ambientes mais fechados aos artistas estrangeiros. Apresentei-me, disse-lhe num espanhol desgraçado que era uma artista brasileira, que necessitava de expôr seus quadros, etc. Mostrei-lhe fotografias de minhas telas, foi o bastante. Marcou imediatamente o dia de minha exposição.

Não foi mesmo formidável? — pergunta-nos Djanira com os olhinhos miúdos brilhantes de satisfação.

Realmente, foi uma vitória formidável para uma jovem artista sem recursos, desconhecida, numa terra tão cheia de preconceitos, como os EE. UU. Coisas como essa, só acontecem a um, dentro de mil brasileiros!

— Realizei minha primeira exposição no "New School", com grande sucesso. Depois fui até Washington, onde expus na "Boris Newskis Gallery", isso tudo sem auxílio nenhum de fontes oficiais. Meu talento e minha disposição apenas — afirma a pintora. De Washington fui a Boston — outro ambiente fechado aos artistas estrangeiros. Fiz sucesso! Voltando outra vez a New York, tive uma das maiores emoções de minha vida, nos EE. UU. A sra. Roosevelt dedicou-me uma coluna de seu mundialmente conhecido "My Day". Mês depois, comecei lecionando; fui convidada a naturalizar-me cidadã americana, mas preferi regressar ao Brasil. Cheguei aqui em 1947, onde fiz uma exibição de minha arte no Ministério da Educação e dias depois, na Galeria Calvino, em Copacabana. Segui depois para S. Paulo, onde expus na Galeria Paulmeiras. Regressando ao Rio, tomei parte em diversas exposições coletivas. Há dias passados, expus no Museu Imperial de Petrópolis, a convite do seu diretor.

— Que são os seus planos para 1949-1950, Djanira?

— Bem, há dias recebi um convite para ir à Turquia; estou estudando a proposta. Mas gostaria primeiro de fazer uma exposição pelo norte e nordeste do país, não somente de quadros meus, bem como de outros pintores de valor, como Pam-

celi, Milton Dacosta, Inimá, que ainda são completamente desconhecidos lá por aqueles bandos. Que acha? — pergunta-nos sorridente, animada.

Realmente seria, uma ideia magnífica se o Departamento de Documentação e Cultura do Recife convidasse Djanira para levar, além dos seus quadros os dos pintores supra citados, e outros mais novos, que vão fazendo uma carreira futura, brilhante. Uma exposição desse gênero seria de grande necessidade para o povo nordestino. Vejam o que Zieminski está fazendo "aí no Recife, com o seu grande conhecimento de teatro. Sabemos que o público está aplaudindo os seus pupilos, e por outro lado, tomando conhecimento do grande teatro, principalmente desses que educam as massas, abrem novas perspectivas... Gastar dinheiro com iniciativas como essas, é a coisa mais justa desse mundo. Um deputado ganha 24.000,00 cruzetões mensais, para que? Melhor calor!... Um jogador de futebol ganha Cr\$ 200.000,00 num ano ou dois de conraças. Que acham? Agora, perguntemos: que fazem esses cidadãos para o engrandecimento do Brasil? Porventura partidas de futebol, discussões sem pé nem cabeça na Câmara Estadual repercutirão lá fora, dizendo que no Brasil existe uma Cultura, que somos um povo civilizado? Ora, se podemos pagar somas fabulosas aos cantores de rádio, jogadores de futebol, políticos ilhados, por que não dar ao povo algo de positivo, como uma exposição de pintura — dos pintores melhores do Brasil? Fica aí a sugestão!



# Tres Poemas da Geração de 40

JOSE PAULO MOREIRA DA FONSECA

**E**SCOLHEMOS, para a presente tentativa, poemas de autores da geração que sucedeu ao modernismo e ao post-modernismo (Schmidt, Murilo Mendes, Vinícius, etc.), geração que se tem inaugurado nos últimos anos, e que, ainda pouco conhecida, com muitos dos participantes em plena formação, cinge-se melhor num título cronológico que em nomenclatura de definição.

Por esses poemas poderemos vêr as analogias e a diversidade entre três dos mais representativos poetas da jovem lirica — (uma geração é sempre um concerto de teses e antíteses, natural pela multiplicidade dos temperamentos e das linhas de influência).

Os "juízos gerais" que formularemos sobre as peças escolhidas necessariamente não serão aplicáveis à restante obra que integram.

Os poemas infra transcritos, contudo, parecem-nos dos que mais perfeitamente manifestam a poética de seus autores, ou sejam João Cabral de Melo Neto, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Buño de Rivera.

Iniciemos por João Cabral. De "O Engenheiro", retiramos a poesia que se segue:

## MULHER SENTADA

"Mulher. Mulher e pombo."  
[bos.]

Mulher entre sonhos.  
Nuvens nos seus olhos?  
Nuvens sobre seus cabelos."  
[los.]

(A visita espera na sala;  
A notícia, no telefone;  
A morte cresce na hora,  
A primavera além da janela).  
[janela].

Mulher sentada. Tranquila.  
Na sala, como se voasse".

Desde a primeira leitura  
ressalta nesse poema a

redução do assunto — às linhas essenciais, e uma ordem direta através da qual o *objectum* é nítida e imediatamente apresentado. Assim, o verso:

Mulher. Mulher e pombo.  
[bos.]

numa conclusão que todavia não afasta o mistério (1) inerente à todo o conhecimento poético. No presente caso, esse mistério, esse conteúdo estético é formulado em limites precisos, e o prazer que desperta, assemelha-se de certo modo ao que encontramos em alguns esboços da pintura, simples, verdadeiros, com os contornos, evidentes e uma robusta ausência de detalhes.

Nos demais versos da primeira estrofe continua a ordem direta; a realidade, entretanto já se apresenta evadida da mera paisagem, quer pela alusão a um estado subjetivo ("entre sonhos"), quer pelo uso da metáfora que quebra o imediato, apesar de sutilmente tratada para atender à natural objetividade do poeta. Desta maneira, após uma interrogação bem situada ("Nuvens nos seus olhos?"), encontramos — "Nuvens sobre seus cabelos", em vez do lugar comum: cabelos como nuvens.

A segunda estrofe, cujos parênteses já denunciavam outro plano a respeito do assunto, apresenta-nos, abstratamente, o que fora dito, (numa) perspectiva sobre o tempo, em associações que

se agrupam na cadência de litania,

"(A visita espera na sala,  
A notícia, no telefone;  
A morte cresce na hora,  
A primavera além da janela)."

O terceiro dos versos, com sua austeridade verbal e a sua importância, engrandece e agita todo o meaning do poema, o quotidiano que muitas vezes só desnuda sua gravidade no extraordinário, aqui, sem retórica alguma é visto, no seu angustiante viver-com-a-morte, contrastando com a "a primavera além da janela".

A amplidão dos versos, precedentes nos prepara para a beleza do distico final. Desligados já da mera aparência pelo desnudamento de uma parcela do *noumenon*, leremos:

"Mulher sentada. Tranquila.  
Na sala, como se voasse".

A construção ascética revela agora um halo profundo e simples, o que era estático, surge suspenso no espaço, quasi livre no espaço, como as mulheres serenas e contemplativas de Vermeer de Delft.

x x x

No segundo poema que tentaremos comentar — "O mundo, um novo mundo" de Péricles Ramos, a linha do verso é mais complexa e mais densa de lirismo (stricto sensu). Transcrevê-lo-emos como o anterior:

"Porque tentasse decifrar os signos da matéria,  
com seu rumor de concha sob a forma silenciosa;  
porque sem olhos se entregasse a tal empenho,  
os pés feriu à margem do caminho,  
dilacerou as mãos nos grêmios da montanha.

Um deus, porém — ah! foi um deus! —



ESTUDO DE LEONARDO DA FAL

penalizado o socorreu no meio da jornada  
clareando-lhe, na voz, os olhos com que visse,  
as asas com que o vale do mistério transpuzesse.

E canta o socorrido, e em sua voz um novo sol gravita,  
como o que luz no céu, porém mais quente,  
como o que apaga estrelas, mas sem corpo.

Ei-lo que canta, e um novo mar se encrespa;  
ei-lo que canta, e um novo homem nasce,  
um novo homem sob um novo sol.

Ei-lo que canta; e uma só língua ecôa pela Torre de  
[Babel;  
ei-lo que canta!  
E surge o mundo, o novo mundo, sobre o túmulo da  
[esfinge."

A complexidade manifesta-se desde o primeiro verso, intervêm como elementos essenciais uma atitude ("Porque..."), e os valores musicais, e ainda a ordem direta é sacrificada às exigências rítmicas e à matização do pensamento.

Ao nosso ver Péricles Ramos no "Mundo, um novo mundo", procura falar sobre o papel do poeta, e nessa poesia, sobre a poesia. Pela escolha das palavras, pela cadência, pela beleza das emoções e das imagens, atingiu a um dos momentos mais elevados

do lirismo em nossa literatura.

Na presente peça, a nossa análise será sobretudo exegetica, assim o exigindo o denso conteúdo do poema. Essa exegese, porém, procurará sempre aludir, pois uma sistemática redução a conceitos seria gaffe imperdoável em crítica de poesia. Quando alguém é poeta, o que ele diz só pode ser dito em seus versos. A poesia desconhece sinônimos.

Leiamos os versos iniciais. O poeta é visto como um homem que busca o sentido do mundo

"Porque tentasse decifrar os signos da matéria".

Entretanto fracassa, é um ser falho, "sem olhos", e dilacera "as mãos nas grimpas da

montanha".

E aqui a poesia surge como um conhecimento subre-humano

"Um deus, — ah! foi um deus! —"

Por fim, transposto o vale do mistério, os signos da circunstância, o

poeta inicia a criação de um novo mundo, um mundo mais intenso

"E canta o socorrido, e em sua voz um novo sol gravita,  
[vita,  
como o que luz no céu, porém mais quente,  
como o que apaga estrelas, mas sem corpo".

Este mundo sem corpo, este mundo do verbo, este microcosmos onde o universo se arquiteta essencializado, surge investido de um poder ético,

transforma o próprio homem, convivente agora com formas mais perfeitas

"Ei-lo que canta, e um novo mar se encrespa;  
ei-lo que canta, e um novo homem nasce,  
um novo homem sob um novo sol".

Os versos finais coram a alegria da criação;

o homem cego e lacera-  
do, agora vive a unidade  
do entusiasmo

"Ei-lo que canta; e uma só língua ecôa pela Torre de  
[Babel;

ei-lo que canta!

E surge o mundo, o novo mundo, sobre o túmulo da  
[esfinge."

x x x

O terceiro poema que procuraremos deslindar, será "A Espada", de Bue-  
no da Rivera. Sem dúvida é o mais dramático, entretanto que não se veja nessa emoção extra-poética um defeito. Pelo contrário, quando ela decorrer de um arquitetura de palavras castiçamente poética (e é o caso), ela se torna um ótimo suporte do sentimento estético. Daí a intensa poesia que vamos encontrar no teatro de um Sófocles, de um Shakespeare ou um Calderon.

Voltemos, porém, ao nosso poema, que faz parte integrante de "Luz do Pântano". Ei-lo:

### A ESPADA

Sobre a tua cabeça a  
[espada.  
Não te movas, nenhum  
[gesto,  
nenhum grito, pois a es-  
[pada  
pode cair.

Pende sobre os teus car-  
[belos  
a espada nua. Cuidado!  
Nenhuma blasfêmia, ou  
[mesmo  
orações, senão a lâmina  
caira.

Não movas o braço ou a  
[face  
para o lado do mar tran-  
[quilo.  
Olha à frente, não te as-  
[sustes  
com a sombra trêmula,  
[E' o vento  
tocando a espada.

A tua direita, os amigos  
te insultam. Fica em si-  
[lêncio.  
Não te mexas, pode a  
espada  
desprender-se, e os teus  
[amigos  
gozarão tua agonia.

Mulheres, macias péta-  
[las,  
acriam teu corpo.

Não te encantas, pois  
[quem sabe  
se, partindo o fio, a es-  
[pada  
destruirá teu amor?

Os teus colegas, à es-  
[querda,  
contam anedotas. Não  
[as.  
Pode a elegria matar.

A espada é o remorso  
[ou a benção?  
Ninguém sabe... Só per-  
[cebes  
que sobre a cabeça pên-  
[da  
pende o invisível."

O que quer dizer? O que nos permite dizer essa espada, que enuncia todo o perigo em torno. E' a "morte que cresce na hora", são as cargas e as sombras que povoam o caminho do entusiasmo, é o perigo que sila esse proprio entusiasmo e que Holderlin comovidamente celebrou — "Aqui estou silencioso como uma sombra: meu coração estremece em meu peito, já incapaz de cantar". Mas também a espada pode ser "benção". "Ninguém sabe", o poeta diz, e o meaning essencial da poesia surge no "imprevisível" em que vamos existindo decorrente de todo o imenso concerto e agonia dos seres no tempo e ainda da benção para os que vivem a profunda alegria da fé.

O "imprevisível" no presente poema reveste-se de um símbolo, compreensível que merece uma análise mais demonstrada pela sua situação axal. Vejamos assim alguma coisa sobre a palavra espada. O som sem angustiar a beleza de campina ou de clemência por exemplo ajusta-se bem à forma da imagem; essa última já tem mais ri-

# POESIA NOVA

(Uma edição ORFEU — Rio)

REYNALDO BAIRÃO

I

Logo nos primeiros versos de seu livro, Edson Regis definindo sua poética, também se define conscienciosamente:

“Não terei a pressa  
que aniquila o verso  
Na manhã presente  
A flor talvez não seja  
como anunciaram”.

E, sabendo de antemão que essa “flor” não é realmente como já anunciaram tantos tantas vezes, introvertidamente, com a pureza, da “lagrima, lenta, rolando pela face”, num desespero passivo, chega à conclusão tácita:

“Liga teu verso  
a ti mesma  
que ao céu noturno  
será mais puro,  
embora um mistério”!

Ele sabe melhor que ninguém que “o poeta entrega-se aos seus hábitos”, e, como as mulheres ou os soldados de que nos conta

Thomas Mann, o vate precisa preparar “uma fuga... entre a vida e a morte”. Hoje, por participação, entendemos “o grilo da noite nas folhas do outono”. Não mais nos preocupam as coisas sociais. Edson Regis é o mais intimista e triste dos poetas da geração nova. De-fato ele não vive as misérias do mundo, seus ajustes, suas iras e perseguições. Mas em “O deserto e os números” há sempre um sofrimento latente, sofrimento de poeta consciente, que vê porque precisa ver, que sente porque tem o “sentimento do mundo” drumoniano em si mesmo, que sofre porque sempre vislumbra a mesma triste “paisagem mil vezes revelada, que se martiriza mazoquisticamente porque o poeta, só o poeta pode lançar ao rosto do mundo um redondo:

“Preciso das nuvens  
como do meu sangue”!

Este jovem, já nosso conhecido, mas que

sómente agora faz a sua estréia literária, em livro, me perturba, me fascina, me causa repulsa, a um só tempo. Atravessa suas poesias um halo de inconclusão, bastante peculiar à nossa geração novíssima. Sua insatisfação, proveniente da inconclusão que a vida oferece a nós todos, ainda tateantes, é nossa característica não porque as lutas sejam dos loucos, não porque as águas permaneçam paradas, “os rios noturnos”, ou “os poemas quebrados” insistam em continuar “números trágicos” na cabeça de cada um de nós. Como diz Edson Regis, sua insatisfação (e eu diria a nossa, em nossa generalidade) provam da “nenhuma notícia” que nos “trazem da vida, nenhuma esperança que altere o insondável”, surgidas “da areia do imenso deserto” que nos habita agora.

Há preocupações muito sérias em “O

deserto e os números” e uma delas é justamente o que há de infável na repetição de indivíduo em si nos demais que indivíduos que o cercam.

“no templo, no sonho  
de dia e de noite  
os números vários  
em mim se repetem”.

Já não se precisa conhecer o que vive atrás de cada um. Cada um vive uma vida idêntica a que vivemos laticonicamente, cá dentro no íntimo de cada qual. Já não precisamos precisar o caminho para homens. Os homens, como cada um de nós (sentimos), se conhecem “sem rumo, perdidos, no entanto calados, sem ira nenhuma”, passivos, entregues a Deus, homens na atitude de místicos em face de um deserto interior. É o crime bárbaro perpetuado na catedral, segundo Eliot. São os projetos que se dissolvem, com os “rumos passados na” (Segue na outra página)

queza tem muita beleza em si, comporta ser o ponto de fuga de um quadro. Quanto aos valores históricos, na espada eles são bastante densos. Encontramo-la na tradição bíblica, no mundo greco-romano, nos tempos medievais e modernos. Por último, a importância da espada em relação a nós — é um mensúlio sério, não resta dúvida, geralmente empregado para morte, tendo adquirido também um caráter de defesa honrosa e mesmo de despojar-

mento altruísta. No poema de Bueno de Rivera, entretanto, o que prepondera é a espada-perigo, a espada da fábula de Dâmoques, outro detalhe mítico que aumenta o tom poético. Com toda essa ordem de valores, a espada consegue afastar qualquer retórica de “aranguinol” aos versos em questão. Ela mantém o teor e a intensidade. Isto sentimos desde as primeiras palavras.

“Sobre a tua cabeça a  
espada.

Não te movas, nenhum  
[gesto”.

E as frases continuam, imperativas, requerendo aquela participação emocional a que no início aludimos. É quase um diálogo, um diálogo perturbador; qualquer movimento nosso — a lâmina cairá. Restaria a imobilidade absoluta, mas a vida exige fluência, e a solução imposta por fim é aceitarmos a espada, é vivermos a espada, e daí decorre uma intensificação da própria vi-

da. “A morte cresce  
hora”, mas “a primavera  
além da janela”.

(I) — No sentido  
Jacques Maritain — aspecto do conhecimento numa perspectiva sobre o insondável do ser — em oposição ao conhecimento do problema que se pode resolver no âmbito da inteligência.



hora imprecisa", o que interessa mais e nos "devolve a nós todos" aquilo que nos é imamente, aos conhecimentos da causa.

"Cativos da fonte — são muitos comigo perdidos vagamos de noite e de dia. Mas vão passando, na noite ficamos. Já transfigurados as horas não vemos".

## II

A lua, sim é o que, na primeira parte deste livro, melhor retrata o seu autor. Há aí um mistério, "mistério imenso há milênios posto no deserto puro que desperta a morte". Há aí uma lua que é "lua das mulheres que jamais amaram". E, por fim, há a lua, negra e primitiva, a que vive em baixo, a lua perdida dentro do poeta e que o arrasta "para o desespero" infinito sem começo nem término. Essa luta traz "não o sonho frio — o sonho frio apenas —", mas traz o desvalro e nutre no poeta o "horror da morte".

Edson Regis sabe perfeitamente que não necessita de nenhuma esperança para salvar seu próprio corpo seu próprio erro, sua alma indiferente. "O silêncio reina ante o caos presente" e "nenhuma esperança de salvar meu corpo será sentida", diz ele. No entanto, ele mesmo diz que é "apenas árvore na cidade anônima" e que lava seu corpo "como se fosse entregue-lo á morte". Se deduz então daí que suas mãos "só sabem dar adeus mais nada" dar adeus aquilo que no passado representava para ele a concretiza-

ção de seu "eu" no mundo exterior. Ele procura fugir, fugir constantemente dessa imagem que o persegue e desorienta. Vê duas faces no tempo e uma "se esconde no labirinto do sonho", a outra sarcasticamente, fica "esposta ao suicídio dos homens". Edson Regis agoniza porque "a presença do amor cai no silêncio" existente em si mesmo. Só restará mesmo os sonhos já-mais sonhados que "viram palavras"...

## III

Acho a segunda parte de "O deserto e os números" a menos realizada poeticamente nesta segunda parte. Vestígios de Buenos de Rivera, e aí eu já diria também de Drummond, perturbam a continuidade desta obra de moço que sabe o que quer.

"O Retrato", "De todo dia", "Maternidade nunca", são porisso excessões. Edson Regis, muito mais feliz nestes poemas que nos sonetos da terceira parte do seu livro resolve o problema da solidão como se presentisse que os "olhos do mundo mortos renasçam" realmente, mas trazem lágrimas" também aos mais incautos. O sono, a condição de ser só, de se sentir abandonado em cidades mortas, a morte irreprimível, e uma "intensa agonia" que repousa e endurece o poeta subjetivamente — nos dão "lembranças trazendo o pranto", reminiscências de uma infância perdida e para nunca mais encontrada nos dias deste poeta que "deserta a casa" ficou

desde que ele cresceu; e que um "rubro sangue do tempo certo" se extinguiu pra sempre, "longo sono do jamais nascido".

"O deserto e os números" é o livro da noite, da noite lívida em que o poeta permanece parado, "enquanto as trombetas permanecem entre as nuvens" inlocaveis. Me repugna porque é sistematizado, procurado, servil e humilde no caminho dos "quase nunca são promovidos". Me fascina porque encontro "o trágico abandono", acentuando o apocalipse do "silêncio" e da "súplica", que este poeta traz consigo. Me per-

tuba porque o "mundo será um amplo salão de homens distantes de nós e de tudo o que nos envolve", e o poeta viverá então eternamente "procurando o deserto a calma infinita, o tempo fora dos relógios" e sempre viverá fugindo de um Deus que o busca e perde...

Junho de 1949.

## O JORNAL "MENSAJE"

Voltou a circular em Montevideo o jornal MENSAJE dirigido por Eunice Tavares, Presidente do Circulo Cultural Inter-Americano, trabalhando atualmente na Embaixada do Brasil, na capital Uruguia.



Desenho de Ermanno José

# O ORTODOXO

LUIS HUGO

**P**OUCO se tem dito a respeito da obra chester-toniana. Contamos nos dedos os escritores que, imparcialmente, têm se ocupado de Chesterton. A maioria deles se lança contra sua obra como hienas esfaimadas, tentando destruí-la. O eterno sarcasmo de Shaw foi uma das maiores invectivas contra o grande pensador católico. Mas a cada aguilhoada do grande Bernard, a cada investida feroz como só ele sabe fazer, Chesterton respondeu com aquela severidade que lhe é peculiar. Palavras duras, incisivas, reais.

A compreensão das idéias de Chesterton nos leva ao mesmo caminho que o espírito avançado de Maritain nos oferece. Apenas o primeiro continua preso à simplicidade de suas palavras, à originalidade de conceitos, em que se assenta a força de sua obra. A maneira ruda de dizer as coisas impressiona seus próprios antagonistas. E é implacável quando se lança sobre uma obra contrária aos seus princípios. Implacável no seu linguajar áspero, mas sincero. Com seu senso de humor ridiculariza o adversário, achincalhando-o; com o paradoxo, sua grande arma, desmonta-o, envolvendo-o.

Chesterton dirigiu-se contra o esteticismo exuberante do começo do século, e dirigiu-se com tanta veemência e com tanta vontade de superá-lo que todas as correntes se voltaram contra ele. Apenas se lhe juntaram, uma vez, Wells, Shaw e Kipling para combater a dissolvente e doentia aventura de Wilde.

A severidade do seu poder crítico se apoiava

na visão do seu mundo. Do mundo interior forjado na firmeza dum catolicismo profundo, dogmático. Possuído duma fé ardente, daquela fé que considera "mãe de todas as energias mundiais", lançou-se contra Swinburne, contra o sublime idealismo de Ruskin, contra o afetamento dos personagens de Wilde. O seu desejo era resgatar na literatura o sentido católico da vida. E o materialismo dialético o principal alvo de suas investidas. "Os materialistas não submergiram as coisas divinas; os materialistas fizeram sobrar as coisas materiais, se é que isso lhes deu algum conforto. Os

titãs não escalaram o céu, mas devastaram o mundo".

O mundo para ele era uma grande preocupação. Só admitia o universo como um todo. Qualquer concepção individualista era por ele rejeitada, por ele que foi talvez o maior dos individualistas da Terra. Nenhum homem tem o direito de inculcar sua personalidade nas suas obras. O homem deve tirar do mundo para o mundo. Nunca tirar de si, mas usar seu talento extraído do universo, des-se maravilhoso cadinho, o tema de sua criação.

A natureza empolgou-lhe os sentimentos, invadiu-lhe a alma. E a hu-

mildade foi o resultado feliz do seu contacto com as coisas da natureza. A grandeza do monumento universal só serve para tornar o homem mais humilde. A contemplação da prodigiosa obra do Criador só pode situar o homem na condição de humildade. "É impossível, sem humildade, gozar seja o que for — mesmo o orgulho".

Chesterton foi o artista incomparável do paradoxo. Rivalisou nesse ponto com o mordaz Shaw, permanecendo, entretanto, equilibrado e comedido, sem a iconoclastia do grande irlandês.

A intransigência da Igreja Católica, a rigidez de seus dogmas, a explicação de fatos controversos, todos os pontos dubitativos da religião foram por ele abordados com segurança. Bateu-se como um leão contra a liberalização religiosa. A libertação do mundo não depende de liberalizar a religião. Liberalizar a religião é subverter sua função primordial. Os paradoxos do Cristianismo foram claramente estudados e sabiamente explicados por ele. As diferenças entre Budismo e Cristianismo que muitos preconizam não existir foram mostrados com bastante propriedade. Em função do "ego" o Budismo se situa ao lado da imanência e do moderno pontefismo enquanto o "Cristianismo se encontra ao lado da liberdade, da humanidade e do amor". Essa a grande divergência, o grande abismo intelectual que separa as duas doutrinas.

Pelos temas que Chesterton focalizou em sua obra podemos avaliar a luta que sustentou contra o ceticismo intransigente, contra os livres-pensadores de seu tempo. Todos eles, nesse particular, foram superados pelas suas convicções. A ortodoxia venceu.

## INFANCIA

ERNANI BORBA

**Q**UANDO á tarde, por entre as colinas,  
Desce um manto de viva tristeza,  
E nos vales desertos se escuta  
O gemer das cigarras vadias...  
Quando á tarde, eu recorde o teu nome  
E o perfume sutil dos teus lábios,  
E u'a magua profunda em meus olhos  
Que pousaram nos teus se debruça...

Lá nas frondes desertas, nós fomos  
Que menina teu corpo embalaram,  
Inda eu sinto o alvoreço, a inocência  
Do teu canto infantil de brejeira...  
Vejo, á curva da estrada, a lagôa...  
Onde alegria, feliz, te banhavas  
Na presença de rôlas discretas,  
Lavadeiras, sabiãs, juritis!

E hoje, eu volto e murmuro o teu nome!  
Barboletas do campo e as cigarras  
Me perguntam por ti, pela estrada...  
Os cajueiros na sombra, e as jacuquiras,  
Falam todos de nós, com tristeza...  
Mas, me lembro... e parece que eu sinto  
A algazarra inocente de outrora,  
Quando alegria e as tanajuras,

E que quadro nimboso! A distancia  
É u'a morte. A saudade — o sudário.  
Hoje, a estrada deserta, a lagôa  
No abandono... e eu sozinho, na sombra,  
E eu reverendo os teus lábios, teus olhos,  
E do teu puro olhar, esquecido.  
Olho em torno, e acalento essa brisa  
Que de tanto sofrer me procura.  
Mas, não sei se ela viu-te menina...  
Mas, não sei se teus olhos me levaram...

do "O Evangelho nas Selvas" e materialistas com Cardoso Vieira.

Tobias, a esse tempo, já frequentava Vacherot e os grandes filósofos espiritualistas da escola francesa do século passado. Mas, de par, revelava tendências acenadamente críticas que o levaram posteriormente ao monismo filosófico de Ludwig Noiré, temperado com o agnosticismo de Kant.

Tobias chegou, a Recife, em 1862, um ano antes da mudança do pai de Cardoso Vieira para aquela cidade. Matriculou-se no Curso Jurídico em 1864 e formou-se em 1869, por haver perdido, por faltas o ano de 1866.

Foi Cardoso colega de Tobias ou, pelo menos, seu contemporâneo naquela Faculdade. Nessa época, 1866 a 1868, o Recife já começava a ser um dos focos da grande reação filosófica que se apoderou do pensamento nacional. Passaram pelos bancos da sua notável escola — Castro Alves, Tobias Barrêto, Sílvio Romero, Maciel Pinheiro, Rui Barbosa, Fagundes Varela, entre os demais notáveis.

Manuel Pedro encontrou, nesse meio, ambiente propício aos vãos do seu grande espírito.

Foi contemporâneo de Joaquim Nabuco, na Faculdade, e, posteriormente, seu colega no Parlamento, na mesma legislatura. Como estudantes, se emulavam em exibições tribunicias. Contou-me o dr. Eloy de Souza haver ouvido de um seu amigo em cujos braços veio a falecer, de febre amarela, Manuel Pedro, que, em certo "meeting", realizado em Recife, superara, em fulgurações, a eloquência tribunicia do grande Joaquim Nabuco.

(3).

Como deputado, pela Paraíba pronunciou dois discursos sobre as desvantagens da imigração chinesa — vinda de coo-

lies—para o nosso país, e fez uma interpelação ministerial. Esses trabalhos li-os no Diário do Congresso ou anais parlamentares do ano de 1879, há mais ou menos vinte e cinco anos. Desses discursos não me ficou profunda impressão. Apenas me revelaram, com surpresa de minha parte, o orador, a bem dizer familiarizado com a tribuna parlamentar.

Como estrepante, mostrou-se curado das hipérboles que, em regra, tornam ridícula a oratória das praças, em cujos arrebatamentos se esterilizam as nossas melhores inteligências. Tratou, porém, do assunto, que versava, com equilíbrio, segurança e desenvoltura.

Sua morte, quase repentina, pouco depois dessa estréia, repercutiu dolorosamente em nossa terra. Fez-lhe o necrológico, na Câmara, o deputado Joaquim Nabuco, em palavras repassadas de saudade e admiração.

Uma mulher do povo, que quase ajudou a criar-me, narrava-me que o dr. Manuel Pedro fôra envenenado na Corte, por causa de uns discursos de oposição, que proferira na Câmara do Império.

Esse envenenamento, evidentemente, corre por conta do tom emocional de nossa gente, cuja fantasia se exalta em face das suspires do destino.

Tenho conversado com pessoas que, ainda muito moças, o conheceram ou fôram seus discípulos, no Liceu ou em aulas particulares de matemática por ele professadas nos baixos de um sobradinho que, há poucos anos, ainda existia na quadra compreendida entre o Bêco da Companhia e a antiga Travessa do Carmo, hoje, rua Conselheiro Henriques.

Diz-se também que era de seus hábitos transportar-se a cavalo, ao Liceu, onde lecionava Retórica.

Fazia-se acompanhar de um pagem, à mo-

da do tempo e dava aulas, de botas e esporas.

Depois de formado, notabilizou-se nas disputas forenses e nas lutas jornalísticas. Era eloquente, desrespeitoso e agressivo. Essa coragem e o dessa sombra no ataque, como a prontidão na réplica esmagadora, criaram-lhe auréola imperecível entre os que chegaram a ouvi-lo e também antipatias e inimizades profundas.

Nas lutas forenses, em que se fez notável, defrontava-se sempre com o Pe. Lindolfo Correia das Neves, uma das mais robustas inteligências da Paraíba de então. Era o Comendador Lindolfo orador de grandes recursos, de sátira pronta e feroz e jornalista de renome. Dêle conta-se que, achando-se na Capela Imperial, certa noite, assistindo, como deputado geral, a uma festa em que se celebravam a vida e milagres de S. Jorge, como houvesse faltado o orador sacro da solenidade, ofereceu-se, por intermédio de um amigo, à Sua Magestade para pronunciar o elogio do santo. Aceito o oferecimento, paramentou-se, subiu ao púlpito e discorreu, com rara eloquência e grande sober, conquistando, des-

sa forma, os aplausos e a admiração de D. Pedro II, que o fez, posteriormente, Comendador da Insigne Ordem da Rosa e orador honorário da Capela Imperial.

Ainda menino, ouvi repetir-se piadas de Manuel Pedro contra o Comendador Lindolfo das Neves, nas disputas do Fôgo. Contra este, publicou êle, o "Bossuet da Jacóca", jornal satírico de pequena circulação.

A mãe de Manuel Pedro viveu o resto da vida paupérrima e morreu em casa de João Colarinho, ao que me dizem, mestre de construções, aqui residente. Em suas mãos, ainda chegou a ver, Elzeu Viana, um retrato do grande paraibano, por ela guardado com carinho e desvelo. Era, ao que dizem, mestiço, alto, forte, de rosto grande e traços fisionômicos impressionantes.

Folheando uma coleção de jornais do tempo, há mais ou menos vinte e cinco anos passados, li um artigo por êle escrito e assinado, em defesa de um poema publicado por Cordeiro Senior, sobre a Guerra do Paraguai. Prosa tersa, vívida e segura, lembrando, no arrojo, o estilo forte de Tobias Barrêto.

(1) Essa informação foi-me dada pelo sr. Cícero Moura, amigo de Cardoso Vieira e, depois da morte deste, lente de inglês no Liceu Paraibano.

(2) Em nota publicada no "JORNAL DA PARAIBÁ", de 31 de janeiro de 1863, diz-se, para justificar a exclusão do sr. Pedro Cardoso Vieira, do alistamento eleitoral da vila da Jacóca: "Não contestamos a antijão que tem o sr. Pedro Cardoso Vieira de ser cidadão votante, mas é sabido que êle se acha mudado para o Recife, a fim de completar a educação de seu filho. Sem dúvida seria êsse o fundamento legal de sua exclusão".

O filho de quem se trata, na justificação acima, era Manuel Pedro Cardoso Vieira.

(3) Em dias de Março de 1945, recebi uma carta do

meu ilustradíssimo e afetuosíssimo amigo dr. Eloy de Souza, a propósito deste trabalho, publicado pela primeira vez, nas colunas da "A União", desta capital em 18 de Março daquele ano. A 10 daquele mês, para caracterizar o nosso descaso pela vida dos homens notáveis da província disse eu que, em 1914, um grande brasileiro, que já é um nome nacional, socorrendo-se de alguns paraibanos de boa vontade, escreveu um livro a que teve a infelicidade de apor-lhe o subtítulo de "Paraibanos Ilustres". Quase toda a Paraíba olhou-o com desdém e viu a honra do volumoso inexpressivo.

— Paraibanos ilustres! Era mesmo para rir! E, anos a fio, velhos e novos riam inexpressavelmente, a bandeiras despregadas, da idéia original.

# Nota sobre O ROSTO

A O CHEGAR ao fim da leitura de "O Rosto", ("O Rosto" — edição Região — 1948) algumas dúvidas me ficaram preocupando: primeiro, como pôde o autor construir um livro dessa natureza, em situações tão desiguais, numa vida incerta, segundo explicações que me chegaram ao conhecimento por intermédio de pessoas que o conheceram. Depois, como é que uma sensibilidade como a do sr. Guerra de Holanda permitiu tanta extravagância ao lado de tão belos poemas de ritmos simétricos, cantantes na profundidade do seu lirismo oceânico, onde Lenora ou Zulmira, Luzinete ou Beatriz vão procurar nas águas do mar "Um marujo perdido nas ondas".

Positivamente, o sr. Guerra de Holanda é uma forte expressão da nova geração de poetas

brasileiros, como o é um Lycio Neves ou um Ledo Ivo, que entregam a doce paz do lar, em troca dos sentimentos mais "excessivos" do mundo. Não parte o autor de "O Rosto", por exemplo, do preconceito moralizador, mas afoga-se no seu mundo de prostitutas e mulheres perdidas, onde encontra os motivos para a sua poesia:

"Nos braços de sono  
Das pobres mulheres  
Que vendem os lábios  
Nas feiras noturnas  
Me torno suicida  
Ma envolvo de morte  
E durmo tranquilo".

O sr. Guerra de Holanda é o poeta das prostitutas, das mulheres noturnas, como Wittman o foi do homem do povo, do homem da rua.

E' certo que o sr. Guerra de Holanda não se realiza totalmente no "O

Rosto", deixando muito a desejar o seu livro, que traz mesmo poemas destituídos de qualquer valor poético. Mas não se pode negar a força sugestiva da sua poesia, como em parte do poema "Tenham piedade de mim", ou em outros poemas como "A virgem desnuda" e "Beleza estranha pousada na face".

A pesar do tema da prostituta, que percorre quase todo o livro, há, no sr. Guerra de Holanda, a "lembrança de Deus", como diz Laurênio Lima, na pestana d'"O Rosto". Entretanto, o poeta Guerra de Holanda não tem grandes pretensões nem deseja perder-se em mistérios transcendentais. O que ele quer é Zulmira:

"Ela mora na rua que  
[dorme mais tarde  
E tem nos olhos a minha  
[angústia

E nos cabelos os meus  
[corinhos  
E nos seus lábios trans-  
[figurados  
O triste sorriso da crian-  
[ça morta".

A. M..

## Noticias

### UM LIVRO DE 800 PAGINAS

O contista paranaense Dalton Trevisan, que dirige atualmente a revista dos novos JOAQUIM, está escrevendo um novo livro, um volume que será de 800 páginas, onde o jovem contista fará sua estreia no romance. Dalton Trevisan, em cartas dirigidas aos seus amigos, disse que "não fazia por menos". O seu romance, efetivamente, terá no mínimo 800 páginas.

### UM LIVRO SEM MALICIA

Manoel Antonio de Almeida escreveu, como todos nós sabemos, um grande livro que denominou MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS. Desta vez, porém, surge Silvino Lopes, o conhecido cronista e treatrologo pernambucano, anunciando as suas MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MALICIAS.

### FLAUBERT NO CINEMA

É is uma notícia que enche de satisfação os entusiastas da literatura e do cinema: a próxima apresentação do filme MADAME BOVARY, baseado no inesquecível romance de Gustavo Flaubert. Toda a complicada historia de Emma Bovary ser-nos-á contada novamente através da tela numa interpretação de Jennifer Jones.

Há poucos dias, cá esteve o dr. Eloy de Souza, uma das grandes figuras do vizinho Estado do Norte e do Brasil. Visitando-me, procurou saber o que de positivo se conhecia a respeito de Manuel Pedro Cardoso Vieira. Coloquei-lhe ante os olhos o desdenhado "Parahybano Ilustre". Quinze linhas apenas. E é só o que se sabe da maior e mais impressionante figura da Paraíba de outrora. E nada me foi dado adiantar às quinze linhas do livro desdenhado. Em visita posterior, disse-me haver recorrido a outros contemporâneos meus, e, com grande surpresa sua, disseram-lhe apenas ter sido o homem de quem lhe falaram no Rio com arrebatamento: "um extraordinário talento" do qual, entretanto, ninguém sabe coisa alguma, além das quinze linhas do livro "maldito".

A 25 de Março de 1945, acausando o recebimento do que lhe mandara sobre Manuel Pedro, entre outras coisas, escreveu-me:

"Li os seus artigos e por eles vejo quanto o está interessando a memória do Ma-

nuel Pedro. O amigo em cujos braços ele faleceu, em Santa Terça, é de febre amarela, foi o desembargador Souza Pittanga, bahiano por muitos títulos ilustre. Era homem de muita inteligência e imenso saber jurídico, além de poeta e orador. Falou-me por mais de uma vez do Manuel Pedro e nunca o fez sem grande emoção. Amava-o, por esse conjunto de qualidades, que o exaltava até às lágrimas. Outro colega seu, na Academia de Recife, que o conheceu muito de perto e se referiu aos seus talentos oratórios, com imenso gabo, foi o dr. Benjamin Aristides Ferreira Bandeira, que foi advogado notável em Pernambuco, e faleceu como presidente do Tribunal de Justiça do Acre.

Cardoso Vieira foi deputado abolicionista e batelador, na Câmara, por essa reforma social e humana com Joaquim Nabuco e seu grupo. Quando Afonso Celso convidou o intemperato Nabuco "para deixar em paz Schiller, Carlos V, Felipe II, Gambetta, mortos e vivos, para tratar somente do objeto em discus-

são" (Sessão de 25 de Setembro de 1879), Cardoso Vieira deu ao fu o Visconde uma réplica cheia de vivacidade própria do seu fúlio. Poucos meses depois, na sessão de 22 de abril de 1880, Nabuco tinha o desejo de requerer á Câmara um voto de pesar pelo seu falecimento. Você encontra esses dados no livro de Carolina Nabuco sobre a vida de seu pai às páginas 75 e 89".

As referências de Carolina Nabuco a Manuel Pedro já eu as conhecia do livro citado por dr. Eloy de Souza, onde vem transcrito o seguinte trecho do aludido discurso de Cardoso Vieira: — "A retórica do nobre deputado por Pernambuco, encontra eco no país, que vê nele o digno herdeiro de um grande nome, e acima de qualquer juízo desdenhoso, estão as manifestações que despertam suas palavras no coração do povo brasileiro, que, embora abatido, ainda tem aplausos para os que se dedicam á defesa da sua causa".

## Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

RODRIGUES DE CARVALHO

1867 — 1935

**J**OSE RODRIGUES DE CARVALHO nasceu no povoado de Alegoinha, município de Guarabira, a 18 de dezembro de 1867. Foram seus pais Manuel Rodrigues de Carvalho e d. Cândida Maria de Carvalho. Aos dez anos de idade, na velha cidade de Mamanguape, para onde se mudaram, passou a sua infância e parte da juventude, em companhia de Castro Pinto, Elizeu Cesar e Carlos Dias Fernandes. Ali foi colocado no balcão do seu tio Manuel Honorato da Silva, conhecido por Manuel Barão. Mais tarde, ao lado dos seus companheiros, passa a assinar artigos de jornal nesta capital; funda o Clube Literário Cordoso Vieira; redige a "A Comarca" e segue para Fortaleza onde por mais de dez anos exerceu o cargo de contador do Banco do Ceará e, ao mesmo tempo, professor do Liceu Cearense e da Escola Normal de Fortaleza; foi eleito deputado estadual pela Paraíba, consultor jurídico do seu Estado e Secretário Geral do Governo Castro Pinto, cargo de que se exonerou para apresentar-se candidato à deputação federal, em 1915. Advogado, exerceu a profissão em Fortaleza, João Pessoa, Rio de Janeiro e Recife. Era presidente do Instituto Histórico de Pernambuco, membro do Instituto Histórico do Ceará e do Instituto Histórico da Paraíba; jurista, com obras notáveis nesse campo da cultura, poeta de renome e jornalista.

Faleceu, em Recife, a 20 de dezembro de 1935. Publicou: "Coração", 1894. "Prismas", 1896. "Poema de Maio", 1903. "Cancioneiro do Norte", 1903, folclore.

E em preparo, deixou: "Teia de Aranha" e "Fim de Rama", além de valiosa obra jurídica.

### V I Ú V A

Há na ametista rôxa das olheiras  
Dessa bela e franzina creatura  
Um oco de mística doçura,  
O vestígio aromal das laranjeiras...

Ri, êsse riso angelical das freiras  
Na alvorada morticã da clausura;  
E, quando fita a cêlica planura,  
Segue, chorando as nuvens forasteiras...

Bela, no entanto, pálida vestida  
De um tecido crivado de martírios  
Sobre um fundo de aurora anoitecida...

Enchendo os olhos do palor dos círios,  
Vai, bela e triste sepultada em vida,  
Trajando a rôxa viuvez dos lírios.

### R U I N A S

Era minha alma um templo iluminado,  
Onde um sonho cantava noite e dia,  
A via-látea aos campos respondia  
Como ao poder de um mágico teclado.

Das ilusões fugiu-me o bando alado  
Levando o cisne azul da fantasia:  
A via-látea é uma grinalda fria,  
Ficou minha alma um túmulo fechado.

O templo fui abrir, junto ao sacrário,  
Rêstea de sol que ainda me confortas,  
Vi-te aclarando a cruz do meu calvário.

Quiz luz! mais luz! abri todas as portas:  
Cinzas de um sonho ao pé do alampadário  
Mais cinza... e pó... e mariposas mortas.

### F O L H A S

a Américo Falcão

Fôlhas que voam do páu-darco em flôres,  
Baillando no ar, em louca revocada,  
Lembram do Heine essa "canção alada"  
De quem venceu o amor, morto de amôres.

Fôlhas do coqueiral que, em vãos rumores,  
Acenam ao mar e às velas da jangada,  
Sois da morte a bandeira desfraldada  
Na grandeza feliz das nossas dôres.

Fôlhas que em junho, luarento e frio,  
O vento arranca, modulado em aís,  
E as faz gaivotas no cristal do rio;

Sois como eu, sinto, as ilusões finais,  
Ao pôr do sol de um croação vasio,  
O adeus sem fim do que não volta mais!

### P R A I A D E N A Z A R E T H

Verde mar! verde mar! que mistérios descreves?  
Que artista sonhador no teu seio trabalho?  
Aqui a onda côse uma extensa mortalha,  
Ao longe um fino véu das neblinas mais leves.

Deve ser tua mestra a Via-Látea, deves  
Colher o linho em pó que o Sete-estrelô espalha,  
Quando bordas na areia essa alvíssima toalha,  
Irmã de uma que tem a Senhora das Neves.

Praia de Nazareth de cajustais floridos,  
Triste monja a rezar à lua desmaiada,  
Ouvindo o velho mar nos seus fundos gemidos...

Tens sempre, ao fim do dia, uma excelsa alvorada,  
Quando o sol tingo de ouro os espaços doridos,  
E o céu vem se mirar sobre a areia molhada...

### S E I O S

Quando a seiva da carne perfumosa  
Protubera-se em conchas ofegantes,  
Os seios da mulher são como errantes  
Aves do céu com bicos côr de rosa.

Pomês com fibra de setim, inconhos,  
São quando a virgem na cêrula estância,  
Rompe o casulo lírio da infância  
Para ser Chloris de um pomar de sonhos.

Mas, quando, ó nune da paixão, os mundos  
Aos olhos frágeis dos mortais desvendas,  
Cheios de amor, de sedução fecundos;

Eles, qual fruto tentador das lendas,  
São dois abismos santamente fundos,  
Dois assassinos no grilhão das rendas.